

CAPÍTULO 3

Mal a aula começou, um monte de bilhetinhos começou a ir e vir da minha mesa:

“Oi, Gi! Olha, você já decidiu o que vai falar para o Luís Henrique? Porque, sabe, eu acho que o melhor momento para você falar com ele é logo no intervalo entre a aula que vem e a próxima. Para não parecer que você ficou adiando a conversa e, também, porque esse intervalo só dura cinco minutinhos. Ah, mais uma coisa! Por que você não oferece os seus cadernos emprestados, já que os professores começaram a falar da matéria desse período em junho? Assim, você vai parecer simpática!”

Beijos,

Sofia!

PS: Qual é a resposta do item “a” da questão 5???”

“Sabe, Sofia, acho que você está certa! Esse intervalo é pequeno, então, não tem chance de eu ficar sem assunto! Basta falar o básico e, aí, o sinal bate! Obrigada!”

PS: A resposta é $x = 4$ ou $x = -4$ ”

“Gi, já decidiu o que vai dizer para o Luís Henrique? Acho que você devia convidá-lo pra lancha com a gente!”

“Hmmm, não sei não, Lice...”

“Ah, Gi, só se ele for legal! Você já foi novata aqui, sabe como é!”

“Está bom, mas só se ele for legal...”

“Ok, combinado!!”

PS: Já reparou que o Pedro voltou ainda mais lindo das férias? Pena que ele nem me notou...”

O resto da aula de Matemática e a aula de Geografia, que veio em seguida, passaram voando. Quando a aula de Geografia acabou, criei coragem e fui falar com o Luís Henrique. Ele estava escrevendo umas coisas no caderno. Pensei em usar o fato de não querer atrapalhá-lo como desculpa, mas percebi que não ia adiantar. Eu teria que falar com ele de qualquer jeito, então, era melhor falar logo.

Quando estava chegando perto da mesa onde ele estava sentado, ele percebeu a minha presença e virou a cabeça para cima, me notando. E, uau, a Bruna estava certa: ele era bonitinho mesmo. Então, falei:

- Oi, eu sou a Gisele, mas pode me chamar de Gi. – disse, tentando parecer bem espontânea, como se saísse por aí falando com todo mundo o tempo todo.
- Ah, oi! Eu sou o Luís Henrique, mas pode me chamar só de Luís.

- Ah, bom, prazer! Olha, sou a representante daqui da nossa sala e, bem, queria te desejar as boas vindas à nossa turma. E, se você precisar, pode ficar à vontade para me perguntar qualquer coisa ou pegar algum material emprestado. Não sei se você está sabendo, mas os professores já começaram a falar da matéria desse bimestre em junho.

- Ah, obrigado! Bom, já que é assim, posso começar com uma pergunta?

- Claro!

O que será que ele ia perguntar? Será que eu ia saber a resposta? Será que ia ser a pergunta mais simples do mundo e eu ia conseguir responder feito uma idiota por conta do nervosismo? Mais ou menos quando perguntam “Qual é o seu nome?” e você responde “Eu calço trinta e cinco, e você?”.

- Bom, nesse caso, me diz: aquela menina – ele apontou para a Melissa – está com algum problema? Estou achando ela com uma cara de quem está com algo errado...

Eu comecei a rir. No final das contas, além de gentil, a pergunta tinha uma resposta bem simples:

- Na verdade, ela só é assim mesmo. Não liga, não.– eu disse. Não gostava desse revanchismo que existia entre eu e minhas amigas e entre a Melissa e as amigas dela. Nós estudávamos juntas há muito tempo e tinha sido assim quase que por todo esse período. Nós não precisávamos ser amigas, mas seria muito melhor se, pelo menos, a gente se tratasse bem. Seria bom se nós pudéssemos contar umas com as outras. No entanto, elas sempre tinham sido de excluir as pessoas, uma coisa que eu

realmente não gostava. - Ah, - eu disse, me lembrando do que a Alice tinha falado. –
você quer lancha com a gente?

- Depende... Quem é “a gente” para você?

Ah, é, ele não sabia com quem eu costumava lancha.

- Ah, desculpa! Bom, são a Sofia, a Bruna, a Alice e... o Pedro! – sabia que a Alice ia me matar por fazer ela convidar o Pedro para lancha com a gente. Mas acontece que o Luís não ia aceitar o meu convite se fosse para lancha só com meninas e eu, apesar de não saber o porquê, não queria que ele recusasse.

- Ah, então está combinado! – ele disse.

Na verdade, eu sabia porque não queria que ele recusasse. Ele era bonitinho e parecia ser gente boa, o que me deixou animada para conhecê-lo melhor. Era minha marca registrada fugir dos meninos pelos quais eu me interessava. Isso não era nem um pouco saudável. No entanto, eu ficava tão nervosa e com dúvidas sobre como agir que acabava, de um jeito ou de outro, fugindo de certas coisas novas que eu queria fazer. Talvez, fosse uma boa dar uma chance para ele, tentar conhecê-lo. A única vez na qual eu tinha feito isso não tinha corrido exatamente bem, mas eu não podia deixar isso ser mais um impedimento para eu investir em meninos pelos quais eu viesse a me interessar.

Eu tinha tido um rolo com um menino no ano anterior, mas isso era mais do que passado. Além disso, já tenho dezesseis anos, tenho que ser mais esperta para essas coisas. Sei que pode não parecer uma idade tão avançada assim, mas, dada a média de idade atual para isso, acaba sendo. Das minhas amigas, só eu só beijei um cara e a Sofia ainda não beijou.

O sinal bateu logo em seguida, fui para o meu lugar e, ao encontrar a Alice, contei para ela o pequeno favor que ela ia ter que fazer para mim. Ao que ela reagiu, digamos, não muito bem.

- Você quer que eu peça para ele lanchar com a gente? Ficou doida?
- Não, só achei que o Luís ia ficar deslocado se só houvesse meninas. Por favor, Lize! Convida ele, vai! – pedi, com a melhor cara de gatinho do *Shrek* que fui capaz de fazer.
- Ah, está bom! Mas você fica me devendo uma, viu?
- Obrigada, Lize! – eu disse, dando um abraço nela e abrindo um sorriso.

Enquanto a Alice foi falar com o Pedro, fui contar a novidade para a Bruna e para a Sofia. Quando a Alice chegou perto da gente, todas ficamos curiosas para saber o que ele tinha dito. Ela só disse que ele topou e foi para o lugar dela. Na minha opinião, ela ficou muito feliz por ter um motivo para lanchar com o Pedro, mas não queria demonstrar enquanto ele estivesse por perto

- E aí, Gi? O que você achou do Luís? – perguntou a Bruna.
- Ah, eu achei ele bem legal e divertido. – *e charmoso*, pensei sem acrescentar. Sei que posso contar para elas sobre esse tipo de coisa, mas acabo sempre guardando para mim.

Um tempinho depois, o sinal tocou e todas nós nos sentamos. Era aula de História e a verdade era que toda a sala tinha pelo menos um pouquinho de medo daquele professor.

No bimestre passado, a sala inteira tinha ido mal na prova dele, o que deixou todas as médias baixas e muitos pais enfurecidos. Nem o Samuel escapou.

- Quero todos sentados, eretos na cadeira, de bico fechado e com os livros abertos na matéria sobre a Segunda Guerra Mundial. – ele deu uma pausa para respirar, já que costumava falar muito rápido e, por isso, tinha frequentes faltas de ar. – Quero que façam todos os exercícios desse capítulo para amanhã, uma vez que as últimas notas de vocês foram lamentáveis. E nem pensem em copiar do colega, pois essa é a matéria da prova que vocês vão fazer em duas semanas.

Então, com medo de que ele de fato brigasse com a gente, todos abrimos nossos livros e começamos a responder as questões.

“Fala sério, como ele quer que eu resolva quarenta questões sobre uma matéria que ele só introduziu? E isso já foi há um mês, ainda por cima! Estou pensando em comentar sobre isso com a direção... Será que ajudaria?”

Uma das coisas que sempre gostei na Bruna era esse jeito dela de sempre querer tomar providências para resolver os problemas. Na minha opinião, ela é quem devia ser a representante da nossa sala.

“Concordo total com você, Bru! Mas, se quer saber, para mim, ele faz o tipo Frankenstein e eu sinceramente não estou afim de provocar a ira dele.”

“É, tem razão...”

Depois do que pareceram horas fazendo aquela tarefa enorme, o sinal finalmente tocou, o professor foi embora e todo mundo se levantou. Em questão de segundos, o Luís foi ao nosso encontro na porta da sala e fomos todos em direção à cantina.

CAPÍTULO 4

Quando saímos da sala, já fomos perguntando para o Luís se ele já conhecia a escola. Como ele respondeu que não, começamos a apresentá-lo para cada lugar pelo qual passávamos.

Depois que finalmente conseguimos pegar todos os nossos lanches na cantina, nos sentamos em uma mesa e começamos o “interrogatório”.

- E aí, Luís, de onde você veio? – perguntou a Alice de uma maneira supercasual, como se ela não fizesse ideia da resposta.
- De Portugal. Mais precisamente, da cidade do Porto.
- Ué, mas você não tem sotaque... – disse a Bruna.
- É porque eu morei lá por cinco anos, mas sou daqui. Sempre gostei de lá, mas estou feliz por ter voltado. A verdade é que nada é melhor do que calor durante o ano inteiro!

E, assim, se sucederam muitas outras perguntas cujas respostas eu e as meninas já sabíamos e, no entanto, tínhamos que fazer. Quando o assunto mudou para coisas como *hobbies*, a coisa começou a ficar interessante.

- Qual é o seu esporte preferido? – o Pedro perguntou, provavelmente achando que estava prestes a encontrar um novo membro para o time de futebol da escola, no qual ele já jogava há uns dois anos.
- Eu gosto de futebol, mas o meu forte mesmo é desenhar.

Ele gostar de futebol não era tão surpreendente para mim. Mas desenhar? Isso era interessante!

- Que tipos de desenho? – nem hesitei em perguntar.
- Ah, de todos os tipos, eu acho. Gosto muito de relatar coisas do cotidiano nos meus desenhos e, também, de fazer tirinhas. Aquele professor de História, por exemplo, me deu uma ideia para uma tirinha sobre um professor maluco cujo o único objetivo é explodir o cérebro dos alunos com tanta tarefa. Para ser sincero, ele me assusta – ele disse rindo timidamente.

A cada palavra ele se revelava ainda mais engraçado e eu estava gostando disso.

- Assusta todos nós! Fomos muito mal na prova do bimestre passado e, agora, ele ainda fica jogando isso na nossa cara. Vou ter que me matar de estudar para recuperar a nota... – a Bruna disse.
- Ei, por que a gente não se encontra lá em casa para estudar? Aposto que os meus pais nem vão se importar – propôs a Sofia.
- Nossa, que boa ideia! Tem certeza de que não vai ter problema? - eu disse.
- Claro que não! Mas podem deixar que eu confiro com eles mais tarde e confirmo com vocês depois!
- Ah, então, está bom!

O resto do intervalo passou rápido. Entre tantas perguntas e respostas, quase não ouvimos o sinal tocar. Quando entramos na sala, o nosso professor de Inglês já tinha entrado, mas ele nos deixou entrar, porque ainda estávamos nos cinco minutos de tolerância. Mal abri o meu livro de Inglês, notei um bilhete com uma letra desconhecida.

“O pessoal é muito legal, obrigado por ter me convidado para ir com vocês. Eu estava achando que ia passar o primeiro dia sozinho... Mas já rolou até convite para estudar em grupo!

Luís”

“Ah, Luís, você também é muito legal! E não se preocupe com a coisa toda de História, tenho certeza de que, no final, nós vamos conseguir ir bem!”

O Luís era mesmo muito gentil. Ele foi superlegal, se ofereceu para nos ajudar em alguma matéria que ele já tivesse aprendido na antiga escola e, ainda por cima, nos agradecia! Porém, antes que nós pudéssemos escrever qualquer outra coisa um para o outro, o professor chamou o nome do Luís e pediu que ele continuasse a leitura do texto. Por sorte, ele sabia onde a leitura tinha parado. Mas nem deu para eu prestar muita atenção nas palavras dele, pois, logo em seguida, outra pessoa chamou a minha atenção com um bilhete.

“E aí, Gi? Como foram as suas férias? Ficou por aqui mesmo? Eu fiquei! E li muito também! Li cinco livros novos incríveis! Sério, daqueles bons mesmo. Se você quiser algum emprestado, é só pedir!

Bê”

A Betina é com certeza uma das pessoas mais doces que já conheci na vida e, além disso, também é completamente viciada em livros. Ela tem todos os lançamentos, já que o avô dela é dono de uma pequena livraria. Mas, quando o livro não chegou na livraria do seu José, já chegou na minha estante e é por isso que nós duas vivemos emprestando livros uma para outra.

“Oi, Bê! Olha, com certeza eu vou querer os seus livros emprestados! Mas eu também li muito nas férias! Você já leu aquele livro “Fazendo meu filme”? É ótimo! Se você quiser, é só avisar!”

Depois da aula seguinte, o dia na escola acabou e nós ficamos livres para voltar para casa. Como o meu pai já está na porta todo dia bem na hora que o sinal toca, eu tive que andar rápido até o portão de entrada.

Apesar disso, ainda dei uma paradinha no caminho:

- Ei, Gi! - era o Luís – Aqui, olha, - ele disse, me entregando um papelzinho – esse é o meu número. Me contaram que existe um grupo da turma no *WhatsApp* e eu estava pensando se você não podia me adicionar. Além disso, você já fica com o meu número para você também, caso precise. – ele deu um sorriso encantador.
- Ah, claro! Pode deixar! Mas, olha, eu tenho que ir, o meu pai já está me esperando lá no portão e ele fica meio bravo quando eu atraso.

Quando eu disse isso, ele disse que estava indo para lá também. Então, fomos juntos, rindo muito, já que com ele era tudo festa, e só nos despedimos quando não tinha mais jeito. O que foi uma pena, porque o papo estava bem bom.